

GRACILIANO RAMOS: CRIAÇÃO LITERÁRIA E PROJETO POLÍTICO (1930-1953)

Marisa Schincariol de Mello¹

*A decadência do romance brasileiro*² e *O fator econômico no romance brasileiro*³ explicitam as concepções de Graciliano sobre o romance, sua função social, bem como a função do romancista. É um posicionamento em favor da tradição realista e um modo de situar as questões do regional, nacional e universal na literatura brasileira. Juntos, compõem o ponto central do balanço que Graciliano faz da literatura brasileira.

No início da década de 1940, Graciliano faz uma avaliação crítica do que ocorreu com os romancistas com os quais ele havia compartilhado o mesmo projeto estético-político durante os primeiros anos da década de 1930. A partir de 1935, esses autores, segundo Graciliano, passaram a se acomodar a essa mesma literatura oficial a que antes haviam se oposto. Vejamos a contraposição nos seus próprios textos. Primeiramente, faz um elogio à busca que estava sendo feita da realidade nacional:

“Os escritores atuais foram estudar o subúrbio, a fábrica, o engenho, a prisão da roça, o colégio do professor cambembe. Para isso resignaram-se a abandonar o asfalto e o café, viram de perto muita porcaria, tiveram a coragem de falar errado, como toda gente, sem dicionário, sem gramática, sem manual de retórica. Ouviram gritos, pragas, palavrões, e meteram tudo

¹ Mestre em História pela UFF, com dissertação intitulada *Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953)*. Niterói-RJ, UFF-PPGHIS, 2005.

² Esse artigo foi publicado na revista *Literatura*, no 1º volume, com data de 1946. O original encontra-se no IEB - Arquivo Graciliano Ramos, com data de 1941, e por ser o manuscrito, vamos considerar a data do documento e não a da publicação, apesar de considerar 1946 uma data importante, porque significa que Graciliano só publicou este artigo quando já estava filiado ao PCB.

³ Este artigo encontra-se com data de 15/07/1945 em RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas Tortas*. São Paulo, Martins, 1969, p. 327, mas em carta a Heloísa, RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro, Record, 1981, p. 187-188, com data de 31/03/1937, já faz referência ao texto:

“Afinal falei pelo arame com o diretor da revista [*O Observador*] e dois dias depois aceitei a encomenda dum artigo sob medida: 3 páginas, 3000 palavras a respeito da influência da economia no romance brasileiro”.

nos livros que escreveram. Podiam ter mudado os gritos e suspiros, as pragas em orações. Podiam, mas acharam melhor pôr os pontos nos *ii*".⁴

Segue elogiando Jorge Amado por ser um dos principais escritores inimigos da "convenção". Mas, depois de enaltecer o livro *Suor* por várias vezes, Graciliano passa a fazer críticas à maneira pela qual Amado descreve seus personagens, que estavam parecendo mais caricaturas, muito mais ligados a um papel político mais direto que à própria realidade vivida. Jorge Amado afirmava que o romance moderno iria suprimir o personagem, matar o indivíduo, porque o que interessava era o grupo – uma cidade inteira, um colégio, uma fábrica, um engenho de açúcar. "Se isso fosse verdade, toda a análise introspectiva desapareceria. A obra ganharia em superfície, perderia em profundidade".⁵

As suas críticas não estavam somente direcionadas para Jorge Amado, o qual inclusive estava mais próximo politicamente de Graciliano. No entanto, na sua visão, Jorge Amado também estava adaptando sua literatura, na medida em que estava produzindo uma arte panfletária, de acordo com as diretrizes partidárias do PCB. José Lins, por sua vez, para Graciliano, endireitou a gramática, passou a fazer uma literatura que fosse aprovada nos grandes centros, não ousou enfrentar o que, na sua opinião, haviam se juntado para combater. Quando se transferiu para a cidade do Rio de Janeiro sentiu-se intimidado e abriu mão daquela investigação da realidade brasileira que vinham fazendo.

A decadência do romance brasileiro é um texto de 1941 em que Graciliano faz críticas severas à maneira com que vinham sendo transformadas as obras dos romancistas do Nordeste. Através dele, Graciliano praticamente encerra o ciclo do Romance de 30, citando nominalmente os escritores que tanto admirou, parceiros na visão de mundo, aos

⁴ RAMOS, Graciliano. "O romance de Jorge Amado". In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 108.

⁵ RAMOS, Graciliano. "O romance de Jorge Amado". In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 110.

quais então imputa a decadência analisada, fazendo um balanço da produção de Raquel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego durante a década de 1930.

Os romances do início do século XX, na visão de Graciliano, eram medíocres e falsos, escritos em uma língua estranha, completamente diferente daquilo que as pessoas normais dizem, com idéias importadas, reduzidas. Os fatores históricos responsáveis por esta mudança, segundo o nosso autor, foram o modernismo, desconstruindo a literatura e a revolução de Outubro, abrindo caminhos e exibindo coisas que antes não eram possível enxergar. Por isso, em 1930, o caminho encontrava-se mais ou menos desobstruído e foi possível descobrir pedaços do Brasil – Pilar, a ladeira do Pelourinho, Fortaleza, Aracaju:

“Um escândalo. As produções de sintaxe presumivelmente correta encahavam. E as barbaridades foram aceitas, lidas, relidas, multiplicadas, traduzidas e aduladas”.⁶

Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins eram grandes porque estavam dedicando à sua obra a um projeto comum, que estava sendo experimentado de maneira transformadora na história da literatura brasileira, e por isso não encontravam audiência e aceitação nos círculos do poder pelo fato de ser um contra-poder, destruindo a comunicação que se dá através de formas e conteúdos socialmente ultrapassados. Mas, a agitação provocada pela revolução de Outubro durou somente até 1935, e aí veio o que Graciliano considerou como a decadência. Não se esgotaram os assuntos, mas abandonaram e economia e a sociologia e passaram a criar personagens vagas, absurdas, que não comem, não sentem as necessidades comuns dos viventes ordinários e estão paradas num ambiente de sonhos e loucos, como se tivessem perdido o fôlego. Vejamos como Graciliano trabalha esses elementos:

“Os nossos melhores romancistas viviam na província, miúdos e isentos de ambições. Contaram o que viram, o que ouviram, para imaginar êxitos excessivos. Subiram muito – e devem sentir-se vexados por terem sido

tão sinceros. Não voltarão a tratar daquelas coisas simples. Não poderiam recordá-las. Estão longe delas, constrangidos, limitados por numerosas conveniências. Para bem dizer estão amarrados. (...) Transformaram-se. Foram transformados. Sabem que a linguagem que adotaram não convém. Calam-se. Não tinham nenhuma disciplina, nem na gramática nem na política. Diziam às vezes coisas absurdas – e excelentes. Já não fazem isso. Pensam no que é necessário dizer. No que é vantajoso dizer. No que é possível dizer.”⁷

Um dos motivos centrais para a decadência que Graciliano Ramos imputa ao romance brasileiro está na afirmação de que o romance brasileiro havia começado com a investigação da realidade brasileira que estava sendo realizada no início da década de 1930 pelos romancistas do Nordeste. Se antes não havia romance brasileiro, na segunda metade da década de 1930, mais uma vez ficamos carentes de literatura. Outro fator importante que exerce influência direta na produção escrita brasileira, na visão de Graciliano, é o problema com os assuntos referentes à economia. Os literatos brasileiros possuíam uma dificuldade enorme em construir as relações de produção que serviam de base para as histórias se desenrolarem e os personagens se moverem, o que Graciliano chama de *O fator econômico no romance brasileiro*.

Em *O fator econômico no romance brasileiro*, Graciliano afirma, a partir da leitura dos romances brasileiros, até dos melhores, que nossos escritores estavam realizando trabalhos incompletos, narrativas inverossímeis, abandonando tudo quanto se refere à economia, como se essa temática não fizesse parte da literatura. Com essa afirmação, discordava de Prudente de Moraes Neto, que atribuía esta deficiência dos nossos romances à escassez de

⁶ IEB, Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos, Cota 10, Crônicas, “A decadência do romance brasileiro”, 20/10/1941.

⁷ IEB, Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos, Cota 10, Crônicas, “A decadência do romance brasileiro”, 20/10/1941.

material romanceável, ou seja, uma inexistência objetiva de assuntos que pudessem ser transformados em literatura.⁸

Na sua visão, não era o meio social que precisava ser transformado (os assuntos existiam), mas sim, o que deveria acontecer era uma mudança radical na maneira pela qual os escritores contavam suas histórias, tanto que em certos casos era difícil identificar onde viviam as personagens dos romances, tal era o desligamento dos assuntos de ordem material. Essa renúncia aos fatores econômicos teve como consequência, segundo Graciliano, a breve duração destes livros nas vitrines, ocasionado pela falta de identificação da população em geral com estas obras. Se num primeiro momento os volumes estão em evidência, em pouco tempo tornam-se esquecidos, juntamente com os de caráter patriótico, que apesar de elogiados pela crítica, ninguém lê.⁹

Graciliano afirmava que não era de interesse da literatura oficial ver de perto os fatores de ordem econômica, com o receio de que a questão social viesse à tona. Uma saída utilizada pelos literatos foi empregar em romance somente coisas de natureza subjetiva, abandonando os fatos objetivos, e gerando personagens em que há pouco de homens, muito de espíritos e demônios.¹⁰ Para Graciliano, a maior parte das pessoas são criaturas medíocres, nem deuses, nem diabos, leitores comuns e perfeitamente equilibrados, buscando na arte figuras vivas, que se comportem como toda gente.

Excetuando-se os primeiros romances de José Lins do Rego, antes de 1936, e os feitos por Jorge Amado na década de 1940, que na opinião de Graciliano conseguiram assistir à decadência da família rural, motivada pela exploração estrangeira sobre os engenhos de açúcar e as fazendas de cacau, de maneira geral observa-se um psicologismo abstrato, espécie de “morfina”, “poesia adocicada”. Os escritores brasileiros não constroem um apoio para seus personagens, algo que permita com que se movam na sociedade: o

⁸ RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 321.

⁹ RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 321.

operário não se encontra na fábrica, sabemos que trabalha somente porque nos afirmam que isto acontece; sobre o capitalista, não se sabe de onde lhe veio o capital e de que maneira o utiliza; se é agricultor, não visita as plantações, ignoramos como se entende com os moradores e se a safra lhe deu lucro. Não surpreendemos essas pessoas no ato de criar a riqueza, ela já surge criada, e por isso torna-se misteriosa, irreal.¹¹

No início do século XX, os romancistas descreviam sertões absolutamente desconhecidos, e até mesmo mais longas viagens até o Egito e pela Índia, sem nunca terem saído do Rio de Janeiro. A literatura atual, diferente da que existia antes da Primeira Guerra Mundial, testemunha do conflito entre capital e trabalho, teria condições de expor as relações entre as duas classes, e, no entanto, nos apresenta o trabalhador e o capitalista separados. De um lado, vemos a riqueza, hábitos elegantes, diálogos corretos, e de outro, bastante miséria, ódio e desejo de vingança. Não sabemos se os sofrimentos dos homens elegantes têm natureza puramente religiosa ou se decorrem da falta de ocupação.

Essas afirmações nos indicam a necessidade do escritor em preparar o terreno para os personagens circularem, apresentando de forma dialética a situação econômica e o enredo em si. Se um negociante coloca fogo na sua casa, devemos procurar o motivo deste acontecimento, e não contá-lo como se ele fosse apenas um arranjo indispensável ao desenvolvimento da história que narramos; se um homem mata os filhos e depois mata-se, não devemos afirmar precipitadamente que ele endoideceu, devemos colher informações, tentar saber de que se ocupava o homem, quanto ganhava, se devia dinheiro. “Geralmente ninguém queima o negócio nem se suicida à toa”. Quando o tema é a loucura ou o crime, o escritor deve visitar os seus personagens na cadeia e no hospício, observar como foi que

¹⁰ RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 322.

¹¹ RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p.322-323.

chegaram ali, do que se ocupavam antes, o que deve ter contribuído para que as coisas se passassem desta ou daquela forma.¹²

Suas proposições se aproximam da definição de realismo crítico, nos termos de Lukács, para quem não é suficiente apresentar o capital e o trabalho, é necessário abordar o conflito entre estas duas classes. Conforme Graciliano, os leitores comuns buscam na arte figuras vivas, tipos que se comportam como toda a gente, com ações e idéias que não briguem com as nossas, para que dessa maneira, construa-se uma identidade entre o observador e o fato narrado. Isso não quer dizer que desejamos reportagens, ainda que certas sejam excelentes. A tarefa do romancista, na visão de Graciliano, não é condenar nem perdoar a malvadez; é analisá-la, explicá-la. “Sem ódios, sem idéias preconcebidas, que não somos moralistas”.¹³

Para além da literatura oficial, que se alimentava da ausência de análises materialistas, de maneira a deixar de lado os conflitos que estão colocados na divisão da sociedade em classes, Graciliano identificava também um problema objetivo que limitava toda a produção literária, até mesmo a literatura engajada: a dificuldade de se viver somente da literatura e da arte. De fato, o Brasil era um país onde a profissão literária ainda era remota possibilidade, e os artistas, em geral, se livravam das dificuldades financeiras entrando no funcionalismo público e vendendo artigos para a grande imprensa. O desenvolvimento da arte também depende da divisão do trabalho e da organização da sociedade, e por conseqüência, a ficção acaba se tornando um refúgio, um local seguro das dificuldades em que vivem, no qual, voluntariamente, esquecem as preocupações que os atormentam. Sendo assim, o fator econômico assume uma dupla dimensão, constituindo-se numa lacuna não apenas na produção do escritor, mas também na sua vida material, em um processo no qual uma ausência alimenta e justifica a outra.

¹² RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 326.

¹³ RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970, p. 327.

Graciliano também viveu esta contradição, agravada ainda pelo fato de ter ido trabalhar com os mesmos que o perseguiram e o prenderam sem acusação alguma alguns anos antes, sentindo na pele o fator econômico de que mais tarde falaria. Até sua morte, em 1953, Graciliano teve problemas financeiros. Assim, em 1938, foi nomeado, diretamente por Getúlio Vargas, inspetor de ensino do Ministério da Educação e Saúde, o que lhe assegurava uma pequena remuneração mensal fixa. Em 1940, começa, sem vínculo empregatício, a trabalhar na revisão autônoma do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), fundado em dezembro de 1939. A convite do amigo Almir de Andrade, colabora na *Cultura Política*, revista editada pelo DIP, onde publica praticamente todas as crônicas reunidas no livro *Vivente das Alagoas*.

Os quadros das regiões do Brasil, escritos por diversos escritores de diferentes matrizes ideológicas, deveriam retratar as tradições populares do país de maneira a criar uma homogeneidade, um caráter de nação unitária, ainda que com manifestações culturais diversas. O material produzido por Graciliano, contudo, se caracteriza pela valorização das contradições na sociedade e por um conteúdo bastante crítico, além de demonstrar a maneira pela qual as classes populares resistiam às pressões que sofriam das classes dominantes, seja nos costumes, passando pela relação com os governantes locais, seja nas diversas formas de resistência do povo nordestino. Ele não deixa de viver a contradição de contribuir para o Estado Novo, mas incide nela; ao invés de evolução social, ele nos apresenta conflitos sociais.¹⁴

¹⁴ **Bibliografia:**

RAMOS, Graciliano. "O fator econômico no romance brasileiro". In *Linhas Tortas*. São Paulo, Martins, 1969.

RAMOS, Graciliano. "O romance de Jorge Amado". In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970.

IEB, Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos, Cota 10, Crônicas, s.t, s. d.

IEB, Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos, Cota 10, Crônicas, "A decadência do romance brasileiro", 20/10/1941.

RAMOS, Graciliano. "O fator econômico no romance brasileiro". In *Linhas tortas*. São Paulo, Martins, 1970.

RAMOS, Graciliano. "Revisão do Modernismo". IN SENNA, Homero. *República das Letras: entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.